

O «brasileiro» oitocentista: representações de um tipo social

Jorge Fernandes Alves
Faculdade de Letras Universidade do Porto

A invenção do cliché «brasileiro», muito divulgado no século XIX, embora já utilizado na segunda metade do século anterior, é um produto da história da emigração portuguesa para o Brasil. Esse cliché condensa indistintamente, no sincretismo da palavra única, a referência a uma pluralidade de imagens de exotismo que o emigrante regressado, o designado «torna-viagem», arrastava consigo, incorporando ainda as efabulações que a sua presença e a sua acção suscitavam no local de origem.

Na verdade, o atributo de «brasileiro» aplicado ao «torna-viagem» (como antes o de «mineiro» e, mais tarde, o de «africanista», o de «americano» ou o de «francês», embora em menor escala) desenvolveu-se como estereótipo inscrito num processo difuso de identidade social, alimentado, na terra natal, pelas mitologias da emigração e do retorno. A classificação que conferia o estatuto de «brasileiro» correspondia, na mentalidade colectiva, à etapa final do percurso migratório sonhado, ao fecho do ciclo com o regresso do «filho da terra», acompanhado por traços de uma cultura distante e por economias poupadas ao longo da vida. Por isso, se gerava uma cascata de expectativas e/ou de frustrações em torno desse momento de regresso, consoante o desenvolvimento de experiências migratórias muito diversificadas e a capacidade demonstrada para satisfazer as esperanças dos que, ficando, tinham cooperado para ajudar à emigração. O retorno com sucesso era a concretização linear do projecto ideal prevalecente numa cultura de emigração profundamente enraizada.

A classificação popular de «brasileiro», em relação aos emigrantes regressados que apresentavam algum sucesso, logo socialmente qualificante, poderia esvaziar-se com o

reconhecimento do insucesso, o que acontecia através da aposição de um desqualificativo, surgindo nesse contexto a expressão «brasileiro de mão-furada», que o cancionero popular não deixou de registar:

Brasileiro, brasileiro,

Chamam-te de mão-furada;

Foste ao Brasil e viestes (sic)

Não trouxestes (sic) de lá, nada¹.

Ao conferir visibilidade social a imagens de algum sucesso, o «brasileiro» alimentava o seu próprio mito, pois através do seu exemplo impelia outros à emigração, como novos candidatos a «brasileiro», num fluxo relacional e circular. No jogo de espelhos que se articulava entre a realidade e o imaginário colectivo, esse estereótipo complexo e ambíguo de «brasileiro» mediava a relação difícil e dolorosa entre o que se era e o que se queria ser (o que se podia ser) na sociedade portuguesa de oitocentos. E a expectativa de mobilidade social ascendente, a alcançar através de uma longa peregrinação de trabalho que tocava esse «horizonte mítico» que o Brasil representava, inscrevia-se como um elemento central e decisivo no campo das decisões individuais e familiares que conduziam ao processo migratório, independentemente do posicionamento social à partida ou do desfazimento entre mito e realidade que se verificava tantas vezes.

Legitimava-se, desse modo, o clima social expulsivo que grassava na sociedade rural e urbana do Noroeste português, marcado pela pequena propriedade e pela interiorização do individualismo como forma de ser e de estar. O futuro vislumbrava-se quase só no Brasil, dada a estagnação dominante no crescimento económico português e

¹ Quadra recolhida por Arlindo de Sousa – *Cancioneiro de Entre Douro e Mondego*, Lisboa: s/d, p. 87, e transcrita in CÉSAR, Guilhermino – *O «Brasileiro» na Ficção Portuguesa*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 1969, p. 21.

a consequente falta de oportunidades oferecidas por uma economia marcada pela frugalidade baseada na auto-suficiência de uma lavoura incipiente, em que os fluxos monetários tinham débil circulação. Por isso, de muitos poderia dizer-se o que alguém disse, tendo em conta a «arrumação» tradicional que as redes migratórias propiciavam: «O Brazil era o seu ideal; ali quem trabalha tem a justa recompensa do seu trabalho»².

Era, pois, o «brasileiro», enquanto tipo social, quem reproduzia o sentido do Brasil que se perfilava na idealização da partida, era ele quem, com a sua presença e os seus actos, assegurava o tipo de argumentação dominante no senso popular, ainda que deslocado duma realidade que se alterava em cada dia que passava, submergindo, com bastante êxito neste aspecto, quase todas as outras tentativas dissuasoras da emigração: a legislação e as normas restritivas das autoridades governamentais, os apelos da Igreja, alguns artigos de jornais pouco lidos que apostrofavam as partidas, etc. Emigrar significava ir ao encontro de aspirações construídas no confronto com o meio e representações sociais nele dominantes, apoiadas no exemplo de figuras reais e próximas. Confrontação que estimulava mecanismos emulativos, conforme reconhecia alguma prosa de jornal, a «literatura cinzenta» da época:

«Aos novos atrae-os o Brazil, o «brasileiro» que voltou rico, que comprou as terras do morgado, que dá dinheiro a juro, que faz uma festa ruidosa, com grandes esmolas aos pobres e lautos jantares aos ricos, desperta-lhes a ambição e não descançam sem ir também para o Brazil».³

Os excessos comportamentais de alguns ficaram para o anedotário local e para a verve dos humoristas e literatos. O estereótipo de tipo literário, que cristalizou algumas extravagâncias ampliadas pelos tons caricaturais e que foi abundantemente acolhido

² MACHADO, Baptista, "Francisco Ferreira da Costa Guimarães", *Commercio e Industria*, 1º Vol., nº 19, 1881, s/p.

³ RIBEIRO, Augusto, "Henrique da Costa Correia Leite", *Commercio e Industria*, 1º Vol., nº 17, 1881, s/p. Trechos de sentido idêntico ao transcrito abundam em numerosos artigos e volumes publicados no século passado.

pela literatura oitocentista, foi superiormente analisado por Eça de Queirós, quando este apontou a utilização do «brasileiro» pelo Romantismo para representações do tipo «boçal» ou «grotesco», para exemplo da «encarnação mais engenhosa e a mais compreensível da sandice e da materialidade». O «brasileiro» emergia então como elemento narrativo, utilizado instintivamente por esses literatos que, no seu «idealismo nevoento», como dizia Eça, arrumavam liminarmente as personagens em dois tipos – «ideais e materiais». E, naturalmente, remetiam o «brasileiro» para a gaveta da acção material, domínio este «que ao Romantismo aparecera sempre como coisa subalterna e grosseira». E Eça de Queirós, revelando a contradição do registo literário, ia mais longe, sublinhando o tratamento elegíaco pela mesma literatura do «triste emigrante», nas agruras da partida e da saudade. Mas, mal voltava,

«com o dinheiro que juntara carregando todos os fardos da servidão – o *saudoso emigrante* passava logo a ser o *brasileiro*, o bruto o reles, o alvar. Desde que ele deixara de soluçar e ser sensível, para labutar duramente de marçano nos armazéns do Rio, o Romantismo repelia-o como criatura baixa e soez. O trabalho despoetizara o triste emigrante. E era então que o Romantismo se apossava dele, já rico e brasileiro, para o mostrar no livro e no palco, em caricatura, sempre material, sempre rude, sempre risível»⁴.

O «brasileiro» literário dificilmente se ajustava ao «brasileiro» real, pois o sentido metafórico da personagem conglomerava frequentemente um somatório de características dispersas numa só personagem. O homem normal, que partiu, trabalhou e voltou, não podia ser o resíduo causticado, delimitado pela banda estreita de uma

⁴ In Prefácio a MAGALHÃES, Luís de - *O Brasileiro Soares*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1980, p. 16.

literatura bastante linear (ressalvemos contudo Camilo, que, na sua profunda jocosidade, soube recrear a diversidade na apreciação das personagens⁵).

A configuração do «brasileiro» enquanto motivo literário não podia, pois, corresponder a uma representação dominante, dado o restrito domínio da cultura livresca. No domínio social, a maioria das famílias ansiava por ter um filho «brasileiro», para muitos visto como o «anjo» que velaria pela família nas suas dificuldades à medida que evoluísse o ciclo de vida, desde o apoio aos irmãos mais novos até ao papel de amparo da velhice dos pais. Por isso, muitas famílias, como forma de preparar o sucesso, preparavam com cuidado e antecedência o projecto migratório, propiciando a aquisição de saberes e a inserção em redes, sobretudo para os meios comerciais de portugueses do Brasil, que os brasileiros nativos não se cansavam de denunciar como uma «parede» que impedia o acesso dos nativos para assegurar o privilégio dos «patrícios», aspectos que já tratei noutra lugar⁶.

Neste contexto, emergiam do senso comum diferentes restituições de sentido social, com atribuições positivas, sobre estes homens que viviam divididos entre dois mundos, pois no Brasil eram «chamados portugueses e entre nós brasileiros»⁷. Homens que desenvolviam uma vida aberta a um mundo de relações, sujeitando-se a papéis fragmentários num continuado processo de desdobraimento e de ressocialização.

Naturalmente que os condicionalismos de partida delimitavam desde logo as hipóteses de sucesso económico, de inserção social e de retorno. Podemos ousar uma breve tipificação, embora o emigrante tenha uma nível de decisão individual entre partir ou

⁵ CASTRO, Aníbal Pinto de – O «Brasileiro» na Ficção Camiliana. In *Os «Brasileiros» da Emigração*. Vila Nova de Famalicão: Museu Bernardino Machado, 1999, p. 197-205.

⁶ Cf. ALVES, Jorge Fernandes Alves – *Os Brasileiros. Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*. Porto. 1994). Idem - *Ler, escrever e contar na emigração oitocentista*, separata da Revista de História das Ideias, Universidade de Coimbra, 1999. Idem - Variações sobre o “brasileiro” – Tensões na emigração e no retorno do Brasil. *Revista Portuguesa de História*, tomo XXXIII (1999), U. Coimbra, p.191-222.

⁷ Expressão de Tabner de Moraes, in *Primeiro Inquérito Parlamentar sobre a Emigração Portuguesa pela Comissão da Camara dos Senhores Deputados*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1873, p.177.

ficar que raramente se encontrará noutras dimensões da vida social, podendo assumir comportamentos pouco esperados.

Os mais letrados tinham possibilidades de uma realização pessoal no Brasil: médicos (sobretudo os formados pelas Escolas Médico-Cirúrgicas, subalternizados até 1866 pelos de Coimbra), advogados, padres, jornalistas (grande parte da imprensa brasileira era dominada por portugueses) e os vocacionados para serviços comerciais ou bancários. Estes, na medida do possível, constituíam família e raramente voltavam.

No fundo da escala social, o comportamento migratório era idêntico: os «colonos» ou engajados por contratos de locação de serviços, «escravatura branca» que ampliava a tradição do trabalho «negro» nas fazendas e nas obras públicas, bem como os emigrantes livres cujas capacidades se resumiam ao trabalho braçal e que nunca chegavam a acumular qualquer pecúlio suficiente, limitando-se a prolongarem a sua miséria de partida, todos estes raramente voltavam (a não ser pela via da repatriação, que foi bastante usada a partir dos finais do século XIX e durante o século seguinte).

E os que desenvolviam organizações económicas com alguma complexidade no Brasil, cuja presença se tornava por isso indispensável, como bancos ou fábricas, tinham também tendência a radicarem-se definitivamente, retornando deste grupo um ou outro a quem a doença aconselhava climas temperados, embora muitos deles fizessem visitas regulares à Europa e, particularmente a Portugal, para onde enviavam remessas a familiares. Ou seja, conforme às regras habituais da emigração, não retornavam os do fundo nem os do topo da escala na pirâmide social dos emigrantes. Esse desígnio ficava normalmente para os remediados: os comerciantes que trespassavam o negócio, os artistas que ganhando bem voltavam com algum dinheiro ao fim de alguns anos.

Nesta medida, os retornos não correspondiam sempre, longe disso, a homens ricos. É de resto a fixação no ricaço e a desvalorização do regressado como pobre ou remediado

que levava a subavaliar este movimento. Há, também, para este efeito, conjunturas: assim, as décadas de 1830 a 1870, foram mais propícias ao retorno de «brasileiros» endinheirados, muito em função da hostilidade ao português, que por diversas razões suscitava manifestações nas ruas do Brasil. Por 1830 e 1850, por altura das medidas ligadas à extinção de escravos, tornou-se visível o refluxo de grandes negociantes ligados ao tráfico (caso do Conde de Ferreira, dos irmãos Pinto da Fonseca, entre muitos); mas havia também razões políticas (sobretudo, em sequência de motins lusóforos); e, essencialmente, havia as práticas comerciais das casas de grosso trato ou de secos e molhados, com a norma de os proprietários se retirarem para Portugal quando encontravam um sucessor que assegurava o negócio, garantindo prestações regulares, sob o controlo à distância do proprietário.

Ora, o retorno de emigrantes com pouco tempo de Brasil e escasso pé de meia foi uma situação de sempre. Segundo Tabner de Moraes, governador civil do Porto, havia muitos que iam ao Brasil escassas temporadas («onde somente se demoram três ou quatro anos, e regressam depois com pequenos capitais que empregam no paiz»⁸), numa prática que pudemos verificar como habitual em várias regiões do Norte de Portugal. Se as autoridades e a literatura davam pouco relevo a estas situações, porque não configuravam a patologia da expatriação, a verdade é que, nas comunidades locais, eles eram também «brasileiros», que tinham a particularidade de regressarem rapidamente aos locais de partida (dinamizando a economia local, com pequeno comércio ou rejuvenescimento da casa agrícola), enquanto os endinheirados se fixavam nas cidades (essencialmente, em Lisboa e Porto, participando em negócios que lhes são propostos, sobretudo para aquisição, e gerindo negócios à distância.

⁸ Tabner de Moraes, in *Primeiro Inquérito Parlamentar sobre a Emigração Portuguesa pela Comissão da Camara dos Senhores Deputados*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1873, p.177.

Há neste domínio, logicamente, perspectivas de escala! O «brasileiro» da aldeia luzia com menos ouro do que o da cidade, bastando-lhe a recomposição da exploração agrícola da família, a reconstrução da velha casa ou o erguer de um novo e pequeno edifício com novas características de funcionalidade para se distinguir no seu meio social, para melhor nele se reinserir e até o dominar, ganhando capacidade para evoluir nos interstícios dos diversos estratos sociais, nomeadamente através de alianças nupciais ascendentes (emigrar e retornar com honradez era só por si uma prova de capacidade de risco, admirada numa sociedade onde o homem devia ser «videiro», isto é, saber mexer-se para tratar da vida).

O papel económico e social dos «brasileiros» na sociedade de origem foi, no entanto, negligenciado, salvo um ou outro caso lateral e excêntrico. Com a precisão de quem se habituara a manipular o bisturi, Ricardo Jorge caracterizava o «brasileiro», a meu ver, como ninguém mais, definindo-o como «personagem viva que assomava e ascendia sobre o decair rápido das classes predominantes do velho regime»,⁹ reconhecendo o seu papel «capital» no norte do País, no aburguesamento da sociedade, através da injeção monetária, que se materializaria não só no consumo quotidiano, mas também na construção civil, no investimento agrícola e na beneficência, enfim, como agente de modernidade (ainda que limitada) que arrastaria consigo grupos sociais em declínio.

O «brasileiro» é, assim, o resultado de um consenso social, é um somatório de representações modelares que gera um tipo ideal, em relação ao qual se criam certas prescrições, no sentido da atribuição de papéis que se esperam ver praticados em quem ocupa um estatuto socialmente reconhecido. Cria-se, deste modo, um «brasileiro» imaginário, cujo papel real se pode aproximar ou desviar do feixe de expectativas que recaem sobre si, ou seja, pode identificar-se ou não com o modelo idealizado pelo meio

⁹ JORGE, Ricardo – *Brasil! Brasil!*. Lisboa: 1930, p. 23-24.

envolvente. Sabe-se como a sociedade, através dos mecanismos de controlo social, incentiva à assunção e ao cumprimento dos papéis atribuídos, nomeadamente pela criação de recompensas simbólicas, que lhe manifestam agrado e reconhecimento pela conduta e pelas relações que o actor assume no cenário que lhe foi distribuído.

São as dimensões deste jogo de trocas que explicam muitas das polémicas, das aprovações e das condenações sociais que encontramos, aos mais diversos níveis sociais, em torno dos «brasileiros» de retorno, graduados consoante as variáveis que podem afectar o seu estatuto, essencialmente a idade, o estado civil, o nível de riqueza, a adesão política.

A questão das nobilitações é um exemplo vivo dessas polémicas em torno do equilíbrio na balança das dádivas da sociedade oitocentista. O que deu o «brasileiro» para ser barão ou visconde? Fazer benemerências é um dos papéis que se espera ver cumprido pelo «brasileiro» que voltou rico e em idade avançada: deu o suficiente, a quem, com que sentido? Fez escolas, hospitais ou asilos? Comprou fundos do Estado (títulos de dívida pública), ajudou partidos? Confere-se-lhe título e/ou ergue-se-lhe estátua na praça? Ou dá-se-lhe apenas nome de rua?

O «brasileiro» regressa com dinheiro ainda em fase activa: ergue fábricas ou compra acções de companhias, promove o trabalho, não se escapa aos peditórios para as confrarias ou associações? Dá-se-lhe lugar nas associações, espaço na política local ou nacional, destaque nos rituais religiosos (procissões, por exemplo) ou nas cerimónias laicas, em que o caciquismo se torna notório?

O «brasileiro» volta na meia-idade, remediado, investe exclusivamente nos escassos bens de família, toma iniciativas empresárias próprias, eventualmente inovadoras, ignora sobranceiramente as solicitações em volta? Rapidamente perderá o estatuto que o qualificava no meio social, perder-se-á no anonimato: afinal, o «brasileiro» não existia,

era apenas um «abrasileirado» no modo de se apresentar (não faltaram mesmo ataques pessoais e danos económicos a quem recusava oferecer ou aderir!).

O «brasileiro» volta ainda jovem – 15 anos de emigração em quem partiu aos 14 anos fazem um trintão, que volta com indumentária leve e exótica. Que se lhe pede? Que constitua a casa que procura, oferecem-se-lhe alianças familiares, poderá escolher, dada a capacidade para se dotar a si próprio. Com ele, salvar-se-á uma família da ruína a que a agricultura oitocentista conduzia na tenaz dos preços ou recuperará o estabelecimento comercial ou industrial que poderá aumentar capital e relações económicas, rejuvenescendo a sua administração.

Não faltam casos que ilustrem estes tipos de situações que obviamente se poderiam desdobrar. Contudo este tipo social do«brasileiro» tendeu a desaparecer com o aparecimento da República, para o que se conjugaram factores externos (como a queda do câmbio do Brasil que vinha da década de 1890), como internos, de que é exemplo a falta de reconhecimento social pelo novo regime.

De momento importará, porém, salientar que não estamos perante um grupo social específico, no uso tradicional do termo. Partimos de uma dispersão de indivíduos que apresentam um ponto comum na sua trajectória de vida – o regresso do Brasil, depois de um período de emigração. Embora possamos encontrar afinidades de comportamento aqui e ali, um espírito de tertúlia que os levava a encontrar um fio identitário que os podia conduzir à associação em negócios, participação em clubes ou espaços de lazer, a verdade é que há «brasileiros» nos vários estratos sociais, para todos os gostos, apresentando muitos deles capacidade para movimentos de ascensão social que concretizam o mito de «self-made man».